

# O USO DE SISTEMAS CONSTRUTIVOS DA ARQUITETURA VERNÁCULA MINEIRA NA CONSTRUÇÃO DE UMA CAPELA NO MUNICÍPIO DE MESQUITA / MG

José Euzébio Costa Silveira – Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC

Alexandre Monteiro de Menezes – Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC

## RESUMO

Este artigo apresenta o trabalho de valorização da arquitetura vernácula rural mineira, em realização na cidade de Mesquita, MG. Empreendeu-se no registro documental de exemplares significativos dessa arquitetura, construída com materiais extraídos de seu entorno imediato, que adotam soluções standardizadas, da casa modesta do trabalhador à sede de fazenda, espaçosa e avarandada. Simultaneamente foi realizada uma experiência prática em arquitetura de terra, envolvendo a comunidade local e estudantes de arquitetura e engenharia ambiental da capital. Trata-se da construção de uma capela utilizando alvenarias em pau-a-pique e em taipa de solo-cimento. Utilizaram-se técnicas tradicionais e contemporâneas, procurando promover divulgação de conhecimento e capacitação de profissionais.

**Palavras-chave:** Material local, pau-a-pique, taipa de pilão com solo-cimento.

## ABSTRACT

This paper presents the work of valuing mining of the vernacular rural architecture, in the city of Mesquita, MG. Embarked on the documentary record of architecture significant examples, built with materials extracted from its immediate surroundings, adopting standardized solutions, from the modest worker's home to the spacious verandah farmhouse. Simultaneously, it

was performed a practical experience in ground architecture, involving the local community and students of architecture and environmental engineering, from the capital. This is the construction of a chapel in masonry using ground and soil-cement. It used traditional and contemporary techniques and seeks to promote dissemination of knowledge and professional training.

**Keywords:** local material, cob wall, soil cement.

## INTRODUÇÃO: A ORIGEM DA PAISAGEM RURAL MINEIRA

Percorrendo a zona rural do Estado de Minas Gerais, ainda nos deparamos com uma arquitetura vernácula, construída com materiais extraídos do seu entorno imediato. A estrutura e as paredes, o piso e o teto, as aberturas e o telhado reverberam o lugar natural de onde foram gerados. O curral à frente, o paiol e o quarto de arreo ao lado, o galinheiro, a horta e o chiqueiro atrás da casa, sempre próxima a uma nascente que a abastece por gravidade, demarcam o território. Uma reminiscência de mata nativa, a capoeira, normalmente no topo das montanhas ou em torno dos cursos d'água completa essa paisagem (Fig. 1). A origem dessa forma de habitar remonta à chegada dos primeiros colonizadores e seu contato com os índios que já estavam ali.



Figura 1 - Fazenda Sucupira em Mesquita, MG, Brasil (Silveira, 2007)

## A ARQUITETURA INDÍGENA E A ARQUITETURA PORTUGUESA

Quando os desbravadores bandeirantes chegaram ao território mineiro, encontraram uma população numerosa de índios morando em aldeias construídas com paredes de pau-a-pique e cobertura de palha.

*“Para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais, não há dúvida que devemos considerar as construções indígenas, as ‘tejudabas’, como ponto de partida” (Vasconcellos, 1946). Na descrição do autor elas eram “compostas de quatro paredes de paus-a-pique, a cobertura vegetal e uma porta. Copiada dos silvícolas, foi a arquitetura única de todo o Brasil até que foi sendo recuada do litoral para o interior”.*

A figura 2 mostra uma construção contemporânea, na reserva dos índios pataxós no sul da Bahia, berço do descobrimento do Brasil.



Figura 2 - Construção indígena em Porto Seguro, no sul Bahia, Brasil (Silveira, 2008)

Os índios migravam de um lugar a outro em busca de provisão que a natureza lhes proporcionava. Não se ocupavam em fazer para durar nem acumular. Os portugueses vieram para ficar, dominar, sujeitar o território e o povo nativo. Introduziram a telha cerâmica e a sofisticação da carpintaria. Ergueram a casa do chão com robusta estrutura, compartimentaram seu interior em espaços distintos, revestiram as paredes. O resultado é uma arquitetura autóctone, realizada por um homem que precisa trabalhar a terra para dela colher sua provisão, além de abrigar-se de um clima quente ou ameno, marcado sazonalmente por chuvas torrenciais.

## A ARQUITETURA CIVIL: O VERNÁCULO MINEIRO

Em Minas, a densa Mata Atlântica era provedora abundante de madeira para a estrutura, para as portas e janelas, para o assoalho e o telhado. A geometria da cobertura, contraventada pelos frechais e esteios de madeira maciça, revela seu esforço para resistir às chuvas de vento trazidas pelo verão tropical. O assoalho, suspenso do chão, permite que uma brisa fresca penetre por suas frestas. As paredes de terra contribuem para suavizar a temperatura média no interior das casas. A ventilação cruzada também contribui para o conforto do micro clima. O ar quente em ascensão atravessa o forro de esteira, que também protege da poeira, indo sair por entre as telhas de encaixe irregular. Trata-se de uma arquitetura apropriada ao clima tropical de altitude, construída com a matéria prima outrora abundante. Sua organização sobre o terreno é pensada de maneira a atender à demanda da lavoura de subsistência e da pecuária, que permeiam o cotidiano (Fig. 3).



Figura 3 – Moradia rural em Mesquita, MG, Brasil (Silveira, 2008)

## APRESENTAÇÃO DA PESQUISA: UM PROJETO PILOTO

A exploração de ouro e diamante no século XVIII consolida a ocupação do solo mineiro de forma concentrada em torno dos pólos extrativistas. O declínio da atividade mineradora, em virtude do esgotamento das reservas naturais, promove um movimento de dispersão da população antes concentrada em torno das lavras. “Nesse processo, os pousos e pontos de abastecimento começaram a ser foco de atenção e desenvolvimento de novas atividades econômicas, a agricultura

e a pecuária, que passaram a absorver a mão-de-obra das minas” (ZOLINI, 2007). Este fluxo centrífugo (SOUZA, 1978) definiu o assentamento de muitos povoados e vilas em Minas, a partir da metade do século XVIII.

A cidade de Mesquita, tema dessa pesquisa, tem sua origem na ramificação de caminhos e rotas que derivam da Estrada Real. Localizada na região do Rio Doce, sua arquitetura vernácula não conta com nenhum plano de reconhecimento ou tombamento patrimonial (Fig. 4). As intervenções realizadas ignoram as diretrizes patrimoniais, seguindo critérios pessoais. A substituição das paredes originais por alvenaria de tijolo, a incorporação de anexos à volumetria ou a utilização de esquadrias diferentes, são práticas habituais ali e em todo o estado.



**Figura 4 - Vista panorâmica de Mesquita na década de 1930 (Acervo: M<sup>a</sup> Nízia)**

Esta pesquisa empreendeu em duas ações estratégicas para a constituição de um projeto piloto a ser implantado na região. A primeira foi o registro documental de exemplares significativos desta arquitetura, descrevendo a evolução da tipologia, sua forma de ocupação do território, bem como as técnicas e procedimentos construtivos e os materiais empregados.

A outra ação foi propor uma experiência em que se pudesse por em prática os conhecimentos que ainda permanecem vivos entre os moradores e construtores locais. Seria a oportunidade de registrar os procedimentos para a construção em pau-a-pique tradicional, catalogar regionalismos de soluções técnicas ou nomenclaturas, de compreender de onde provém a matéria prima, a maneira tradicional de obtê-la, além da identificação dos materiais que já não existem.

## A CONSTRUÇÃO DA CAPELA

A proposta de construção de uma capela foi de utilizar as mesmas técnicas construtivas das construções rurais remanescentes no município. Como ponto de partida tomou-se o sistema construtivo tradicional do pau-a-pique, tentando ser-lhe o mais fiel possível, com mão-de-obra local e habituada – ainda que no passado – com este tipo de construção.

Os materiais, sempre que possível, também seriam conseguidos no entorno. Também ponderou-se, por se tratar de uma construção contemporânea, sobre a pertinência de propor a utilização de técnicas construtivas com terra nunca antes utilizadas na região. Além da terra argilosa, ideal para o pau-a-pique, existe no local uma terra arenosa, apropriada para a taipa de pilão. Decidiu-se então construir três paredes em pau-a-pique, e outras duas em taipa de pilão com solocimento (Fig. 5).



**Figura 5 – Construção da parede de taipa de solo-cimento (Silveira, 2009)**

Na ocasião da confecção das paredes de pau-a-pique foi organizada a participação de estudantes de arquitetura e engenharia ambiental da capital mineira. Em visita de campo guiada puderam presenciar esta arquitetura vernácula em seu ambiente natural, estabelecer contato com moradores e construtores locais, experimentar a execução de técnica tradicional, vivenciando em realidade o que a pesquisa está registrando. Esta vivência pretende suscitar, nos futuros profissionais, curiosidade e interesse por este patrimônio cultural a partir da cultura construtiva (Fig. 6).



**Figura 6 – Os alunos e os trabalhadores locais após construção do pau-a-pique (Silveira, 2009)**

Do ponto de vista morfológico buscou-se fazer uma releitura do arquétipo histórico, mas com cuidado de não parecer réplica de outros períodos. A adoção da taipa de solo-cimento aparente e a disposição das aberturas, sobre o altar e no fechamento da torre, anunciam ser esta uma construção recente e não vernácula (Fig. 7).



**Figura 7 - A capela em fase de acabamento, no mês de maio (Silveira, 2010)**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada visita que a equipe de pesquisadores fazia para medição ou seção de fotografias era recebida com sorriso cada vez mais confiante e orgulhoso. Parece que o olhar 'estrangeiro', interessado por essas construções, provocou uma elevação na auto-estima de seus moradores. Há evidências de que a afeição pelo próprio imóvel é fator determinante na preservação do patrimônio remanescente.

A pesquisa mostra que o conhecimento está vivo nas gerações adultas, mas é quase desconhecida pelos jovens. A construção da capela serviu para avivar na população local a cultura vernácula que vem adormecendo. Por outro lado, a novidade apresentada ali, tanto da taipa de pilão quanto da estabilização da terra com cimento, depois de demovê-los da dúvida unânime de que ficaria de pé, motivou ricas discussões sobre sua viabilidade e aplicabilidade nos arredores.

A experiência prática tornou-se valiosa oportunidade de testar, numa construção contemporânea, as possibilidades e limitações da adoção da técnica do pau-a-pique nos dias de hoje. Alguns materiais, como o bambu, o cipó, a tabatinga ou a terra são abundantes e fáceis de serem extraídos. A madeira já é coisa rara e onerosa. Tem que vir de longe, sem contar com o aspecto extrativista que ainda é prática corrente. O manejo sustentável ou reflorestamento são anseios necessários, mas para o futuro a médio e longo prazo.

O registro sistemático de todo o processo constitui base rica para as reflexões. Conhecer de perto a realidade do processo construtivo torna-se importante estratégia de capacitação para futuras experiências ou intervenções em edificações construídas em pau-a-pique e em outras técnicas que utilizam terra crua. A extensão deste projeto piloto aos municípios vizinhos de Joanésia e Ferros é o primeiro desdobramento pretendido pela pesquisa.

## REFERÊNCIAS

Souza, W. P. (1978). Ensaio sobre o ciclo do ouro. Belo Horizonte: UFMG.

Vasconcellos, S. d. (1946). Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais I. Arquitetura e Engenharia, v.1, n.2, jul./ago. pp. 30-35.

Zolini, G. P. (2007). A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte. Belo Horizonte: UFMG.